

Este artigo foi recebido em 15 de junho de 2025 e submetido a uma avaliação cega por pares, conforme política editorial, sendo aprovado para publicação em 05 de outubro de 2025.

FÉ E TEMPO NA SÉRIE OUTLANDER: REFLEXÕES SOBRE MÍDIA, DESIGUALDADE DE GÊNERO E O PATRIARCADO

FAITH AND TIME IN THE SERIES OUTLANDER: REFLECTIONS ON MEDIA, GENDER INEQUALITY, AND PATRIARCHY

Nina Gabriela Ponne Rodrigues

Professora de História, Pedagoga e Psicopedagoga. Leciona na Educação Básica da Escola de Aplicação Feevale; Mestranda no Programa de Pós-Graduação em Teologia da Faculdades Est (Mestrado Acadêmico), Bolsista CAPES.

E-MAIL: nina.ponne@gmail.com

Vagner de Souza Rodrigues

Doutor em Teologia pela Faculdades Est (2024); Mestre em Teologia Pela Faculdades Est (2019); Bacharel em Teologia pela UNIGRAN (2015); licenciado em História pela UNISINOS (2007); Professor de História, Ciências Humanas e Orientador Educacional na Rede Pública Estadual; Professor de Ensino Religioso no Colégio La Salle Santo Antônio/ Rede La Salle.

E-MAIL: sr.vagner@gmail.com

Charles Klemz

Doutor em Teologia pela Faculdades EST (2023); Mestre em Teologia pela Faculdades EST (2019). Especialização em educação à distância, pedagogo, é professor na Faculdades EST.

E-MAIL: charlesklemz@gmail.com

Resumo

Este artigo analisa a série *Outlander* para discutir como a cultura pop atua como um espaço de ressignificação de valores religiosos e sociais. A pesquisa aborda a relação entre fé, tempo e desigualdade de gênero, focando na perspectiva de Claire, uma mulher do século XX que viaja para o século XVIII. O estudo utiliza uma pesquisa bibliográfica e a análise narrativa de Roland Barthes para examinar a obra como um todo. A série é vista como um campo fértil para a análise, pois articula elementos de ficção histórica e fantasia para debater temas como a fé, a temporalidade e as desigualdades de gênero. O artigo destaca o contraste entre a visão científica e moderna de Claire e a visão religiosa e supersticiosa de Jamie, um homem do século XVIII. Esse embate de visões de mundo reflete as transições históricas entre a Idade Média, onde a Igreja dominava o pensamento, e a Idade Moderna, com a crescente importância da ciência. A obra também explora a persistência do patriarcado. A personagem Claire, com sua autonomia e conhecimentos médicos, confronta a submissão feminina predominante no século XVIII. A narrativa de *Outlander* evidencia como as tradições religiosas contribuíram historicamente para a submissão das mulheres, limitando seu papel ao ambiente doméstico. O artigo argumenta que a série funciona como uma ferramenta para questionar essas estruturas e a culpa historicamente atribuída às mulheres, como a associada a Eva na tradição teológica clássica. Conclui-se que a série não é apenas ficção, mas um convite ao diálogo sobre fé, cultura, ciência e espiritualidade. Ela demonstra que o sagrado continua presente na sociedade, mesmo fora das instituições religiosas, e que a teologia pode ser uma prática voltada a interpretar as experiências humanas e a promover a justiça de gênero. O trabalho, portanto, contribui para discussões sobre o papel da mídia na construção de novos significados do sagrado e da identidade feminina.

Palavras-chaves: *Outlander*; Religião; Mídia; Desigualdade de gênero; Patriarcado.

Abstract

This article analyzes the series *Outlander* to discuss how pop culture serves as a space for re-signifying religious and social values. The research addresses the relationship between faith, time, and gender inequality, focusing on the perspective of Claire, a

20th-century woman who travels back to the 18th century. The study uses a literature review and Roland Barthes' narrative analysis to examine the work as a whole. The series is seen as a fertile ground for analysis because it combines elements of historical fiction and fantasy to debate themes like faith, temporality, and gender inequalities. The article highlights the contrast between Claire's modern, scientific worldview and Jamie's religious and superstitious one from the 18th century. This clash of perspectives reflects the historical transitions between the Middle Ages, where the Church dominated thought, and the modern era, with the increasing importance of science. The work also explores the persistence of patriarchy. The character Claire, with her autonomy and medical knowledge, confronts the female subservience prevalent in the 18th century. The *Outlander* narrative shows how religious traditions have historically contributed to the submission of women, restricting their roles to the domestic sphere. The article argues that the series acts as a tool to question these structures and the guilt historically attributed to women, such as that associated with Eve in classical theological tradition. The article concludes that the series is not just fiction but an invitation to a dialogue between faith and culture, science and spirituality, tradition and transformation. It demonstrates that the sacred remains present in society, even outside of traditional religious institutions, and that theology can be a practice aimed at interpreting human experiences and promoting gender justice. The work, therefore, contributes to discussions about the role of media in constructing new meanings of the sacred and the female identity.

Keywords: Outlander; Religion; Media; Gender inequality; Patriarchy.

Introdução

Com o advento da modernidade, observa-se um enfraquecimento da religião institucionalizada, a qual tem progressivamente perdido sentido, força e poder em grande parte dos países. (Ganzenvoort, 2016, p. 361). Diante desse cenário, cabe às teólogas e aos teólogos refletirem sobre as expressões da religiosidade não institucionalizada, sobretudo no

âmbito das mídias contemporâneas. Nesse contexto, emergem indagações pertinentes: quais elementos religiosos se manifestam por trás das mídias e exercem fascínio sobre as pessoas na atualidade? Estaria a sociedade se afastando das formas tradicionais de religião institucionalizada? Qual dimensão do sagrado tem sido buscada no presente? Poderiam as funções religiosas estar sendo ressignificadas e disfarçadas na cultura pop?

Essas questões se relacionam ao objeto deste artigo, que consiste em refletir como a série *Outlander* representa a fé a partir da perspectiva de uma mulher além do seu tempo, evidenciando de que maneira essa representação possibilita a comparação entre as concepções medievais e modernas acerca dos direitos e deveres atribuídos às mulheres na sociedade. Nesse sentido, formula-se o seguinte problema de pesquisa: de que maneira a série *Outlander* representa a fé a partir da perspectiva de uma mulher oriunda do futuro, situada em um contexto histórico anterior ao seu, e como essa representação possibilita a comparação entre as visões de mundo medievais e modernas acerca dos direitos e deveres atribuídos às mulheres na sociedade?

Além disso, a partir de uma pesquisa bibliográfica, os autores estarão dialogando com o recorte temporal ou temático – o qual tem como critério uma análise da série como um todo, já que a trama se estrutura a partir de uma viajante no tempo, que sai do século XX e volta para o século XVIII. Porém, mesmo no século XVIII, ainda havia resquícios medievais nas visões de mundo, justamente por ser um período de transição na história. Especificamente para este estudo, há a seleção de episódios conduzida com base na análise narrativa de Roland Barthes (2011), que permite que a obra seja vista como um conjunto de 'unidades de sentido' ou

'mitemas'. Destaca-se o primeiro episódio, ao estabelecer o choque entre Claire e o século XVIII, funciona como o mitema inicial da trama, com um conjunto de mitemas sobre o choque de culturas, o patriarcado e a submissão feminina. O episódio 2 da sétima temporada, por sua vez, atua como um mitema de superação das tensões entre fé e ciência, a impotência humana e o amor que transcende a morte.

Da mesma forma, a relevância deste estudo está vinculada à necessidade de compreender como as mídias contemporâneas, especialmente as produções da cultura pop, funcionam como espaços de ressignificação de valores religiosos e sociais. A série *Outlander* constitui um campo fértil para essa análise, pois, ao articular elementos de ficção histórica e fantasia, propõe debates sobre fé, temporalidade e desigualdade de gênero.

Nesse sentido, a investigação se justifica por duas dimensões complementares. A primeira refere-se ao campo dos estudos teológicos e culturais, ao evidenciar como a religião pode ser representada e reinterpretada em narrativas midiáticas. A segunda diz respeito à questão social, uma vez que a série traz à tona problemáticas relacionadas ao patriarcado e às desigualdades de gênero, permitindo refletir criticamente sobre a persistência e a transformação desses elementos na sociedade contemporânea.

Dessa forma, o trabalho pretende contribuir para o aprofundamento das discussões sobre o diálogo entre religião, cultura pop e gênero, ampliando a compreensão acerca do papel das mídias na construção de novos significados do sagrado e da identidade feminina. A série, ao problematizar a religião, evidencia também as desigualdades de gênero. Assim, além

da abordagem sobre a fé e sua relação com a temporalidade em *Outlander*, pretende-se realizar aproximações críticas acerca da desigualdade de gênero e do patriarcado.

Parte-se da hipótese de que as mídias, em especial produções da cultura pop como as séries televisivas, constituem espaços privilegiados para suscitar reflexões sobre a religião, o papel da mulher nesse contexto e as formas pelas quais o sagrado é exposto e ressignificado.

Fé e tempo na série *Outlander*

Outlander é uma série britânica de sucesso inspirada no livro homônimo da escritora Diana Gabaldon. A primeira temporada foi lançada em 2014 e logo conquistou o público. Em 2023 foi ao ar a sétima temporada da aclamada série, que é assinada por Ronald Moore. Os fãs acompanham a série e o desenrolar dos enredos com grupos nas mídias sociais, fóruns de discussões elaborando teorias e comparações entre os livros e o resultado nas telas.

A trama combina romance, drama épico, aventura e viagem no tempo para contar a saga de Claire Randall, uma enfermeira da Segunda Guerra Mundial que viaja para o passado e se envolve em intensas aventuras.

É possível perceber que a história da série se passa na Escócia e, já no primeiro episódio, ressalta a influência mística das tradições escocesas, descendentes de celtas cujas festas e crenças foram apropriadas pelo cristianismo. A própria autora dos livros, Diana Gabaldon, já admitiu, em entrevistas e redes sociais, diversas referências cristãs na história.

O choque cultural entre duas perspectivas históricas e epistemológicas, representadas pelas personagens Claire e Jamie, da série *Outlander*, possibilita uma reflexão aprofundada sobre as diferentes visões de mundo e sua evolução até a contemporaneidade.

Claire, uma mulher do século XX que viaja no tempo para o século XVIII, carrega consigo uma mentalidade científica moderna, fundamentada em sua formação como enfermeira e, posteriormente, médica. Em contraste Jaime – homem que Claire se apaixona após viajar no tempo – pertence às Terras Altas escocesas do século XVIII, cuja visão de mundo é profundamente influenciada por convicções religiosas e por um sistema de crenças marcado por superstições típicas de sua época. Este embate simbólico ocorre em um contexto histórico de intensa tensão religiosa na Escócia, marcada pelos conflitos entre protestantes e católicos, além das disputas políticas com a Inglaterra. A análise desse contraste permite refletir sobre os modos de pensar, crer e agir mediados pelo tempo histórico e pelas estruturas culturais vigentes em cada período.

Esse contraste de visões de mundo se reflete especialmente nas perspectivas da fé de cada um dos personagens, já que na Idade Média a Igreja comandava o cenário, o pensamento e a cultura. Já na Idade Moderna e meados da Idade Contemporânea, tempo de origem da personagem Claire, a ciência passa a ter maior importância – bem definido por Rubem Alves (1975, p. 35), quando descreve a “[...] diferença entre o espírito do mundo moderno e o espírito do mundo medieval! Na Idade Média o universo inteiro era contemplado como se fosse uma imensa catedral”.

No primeiro episódio da série, a personagem Claire viaja pelo tempo, ao tocar em pedras de um círculo de culto celta e acaba chegando em um período duzentos anos anterior ao seu. Ela está no mesmo lugar, no mesmo espaço geográfico, porém separada pelos costumes e visões de mundo de cada época. Sem compreender completamente o que está acontecendo, a mulher se vê perdida em meio a escoceses em fuga e conflito com a Coroa Inglesa. Nesse contexto, ela experimenta as sensações de uma época de extremo descaso e desrespeito com as mulheres, nestes primeiros minutos ela quase sofre um estupro, também por conta de suas roupas, que são diferentes e consideradas inadequadas para as mulheres naquele período. Ou seja,

[...] em quase todas as culturas e em quase todos os tempos, a religião tem legitimado ideologicamente a subserviência das mulheres. E uma das formas mais eficazes e sutis é associando o feminino ao mal, ao desviante, à desordem. Isto significa que, culturalmente, as mulheres estão à mercê da punição naturalizada. (Jarschel; Nanjarí, 2008, p. 2).

Além da vestimenta, seu linguajar e postura diante dos homens é muito distante do que se espera para a época, ela não demonstra medo ou inferioridade na interação com homens, o que os deixa confusos e provoca profundo estranhamento. Entretanto, como ela foi encontrada nas proximidades do círculo de culto celta, e demonstra conhecimentos de cura, ao ajudar os feridos, os homens mantêm o cuidado com ela, e sendo ela útil para seus objetivos, capturam e a levam consigo.

Outlander faz um paralelo dos direitos conquistados pelas mulheres e como a religião se torna empecilho para que estes avanços aconteçam. Nesse sentido, a série pode fomentar

um debate teológico mostrando que esse aspecto da vida precisa ser debatido e observado com atenção. Quer dizer,

Existem, na sociedade, problemas de vida e morte, justiça e exclusão aos quais o saber teológico deve ser aplicado de forma relevante. Não podemos fugir dessas responsabilidades, nem nos limitar a uma ou outra. (Ganzenvoort, 2009, p. 339).

Com o desenrolar dos eventos ela acaba envolvendo-se em uma história de amor com um dos seus captores, e a partir disso, muitos eventos em que as diferenças entre os períodos históricos e as formas de compreensão do mundo irão surgir. O principal pano de fundo da série passa a ser a história de amor entre a personagem Claire e Jaime.

Segundo Ruard Ganzevoort, a religião se manifesta nas mídias e na cultura contemporânea por meio de três formas principais: "o amor romântico, a busca por emoções intensas e a crença de que há mais coisas entre o céu e a terra".

[...] o amor romântico implica êxtase, perder-se para encontrar-se e a descoberta de alguma espécie de bem-aventurança eterna. [...] Alimenta a consciência de que esta vida não é real a menos que passemos a vê-la à nova luz do amor, e, por consequência, a morte verdadeira não é o fato de que nossa existência física pode terminar, mas a morte verdadeira é o estado de ficar sem amor. Esse tipo de inversão dos sentidos está, naturalmente, muito próximo dos evangelhos [...]. (Ganzenvoort, 2009, p. 365).

Na série *Outlander*, o pano de fundo da narrativa é precisamente o amor romântico entre os protagonistas, Claire e Jamie, que vivem um amor que transcende o tempo. Trata-se de um amor idealizado, infinito, capaz de superar até mesmo a morte, um exemplo claro da forma como o sagrado e o transcendente continuam presentes na cultura atual, ainda que fora dos moldes religiosos tradicionais.

Conforme argumenta Bonnie J. Miller-McLemore (2016, p. 52), a teologia prática não se limita ao âmbito acadêmico ou institucional, mas é uma atividade que se desenvolve no cotidiano, enraizada nas vivências concretas das pessoas. A partir de suas vivências e experiências, as pessoas buscam um sentido religioso para suas práticas, buscando acolhimento e parâmetros para conduzirem as aflições e complicações da vida. Assim,

Teologia é uma atividade para aqueles que perderam a unidade paradisíaca original, ou para aqueles que ainda não a encontraram. É uma busca de pontos de referência, de novos horizontes que nos permitam fazer sentido do caos que nos engole. (Alves, 1975, p. 54).

Na temporada 3, o personagem de Jaime torna-se prisioneiro da Coroa Inglesa depois de um levante escocês em busca de liberdade. Nesse momento ele torna-se empregado em uma propriedade inglesa e precisa esconder sua fé católica, e mantém em segredo suas orações e imagens de santos importantes para sua religião. Nessa representação a análise sobre as dificuldades enfrentadas pela falta de liberdade e especialmente a liberdade religiosa pode ser observada.

Seguindo o enredo da trama, uma criança, admiradora de Jamie, expressa o desejo de tornar-se como ele, assumindo a fé católica. Jamie acolhe esse pedido e realiza um batismo simbólico, ungindo o menino com óleo e atribuindo-lhe um nome católico, apesar de sua origem protestante.

Ao analisar o episódio 2 da Temporada 7, que traz uma situação emocionante e cheia de significados, Jaime e Claire enfrentam o delicado e doloroso momento em que sua neta recém-nascida é diagnosticada com uma grave doença cardíaca. Claire, com todo o seu

conhecimento médico avançado para a época, sente-se completamente impotente, pois no século XVIII, mesmo com sua formação científica moderna, ela não tem recursos para realizar a cirurgia que poderia salvar a vida da menina. Essa limitação a mergulha em uma profunda frustração, pois está acostumada a depender da ciência para solucionar problemas.

Em meio a essa situação de desespero, Jaime propõe algo inesperado e, para Claire, um tanto improvável: ele sugere que façam uma oração. Para Jaime, que tem sua fé profundamente enraizada em sua cultura e crenças do século XVIII, essa é a única alternativa que lhes resta. Ele se ajoelha e ora fervorosamente, pedindo a Deus e aos santos pela proteção e recuperação da neta.

Claire, mesmo com seu ceticismo habitual, sente-se tocada pelo gesto do marido. No início, ela acha graça na atitude de Jaime, já que a oração contrasta com sua perspectiva científica. No entanto, movida pelo amor à neta e pela esperança em um momento tão difícil, ela decide se juntar a ele. Claire faz sua própria prece, pedindo ajuda divina para proteger e salvar a criança.

Essa cena é carregada de simbolismo e emoção. Ela não só destaca o contraste entre fé e ciência, representados pelos personagens de Jaime e Claire, mas também mostra como o amor e a dor podem unir diferentes visões de mundo. É um momento que nos leva a refletir sobre os limites da ciência, o poder da fé em tempos de crise e a importância da empatia mútua entre perspectivas tão distintas.

Esse episódio traz à tona o pensamento sobre até que ponto fé e ciência podem caminhar juntas; e como essas visões podem se complementar em situações extremas. Ou seja, é um tema que a série aborda de forma sensível e profunda, deixando espaço para reflexões que vão muito além da narrativa. Mais especificamente,

A descrição científica, ao se manter rigorosamente dentro dos limites da realidade instaurada, sacraliza a ordem estabelecida de coisas. A religião, ao contrário, é a voz de uma consciência que não pode encontrar descanso no mundo, tal como ele é, e que tem como seu projeto utópico transcendê-lo. (Alves, 1975, p. 53).

Dante desses aspectos, observa-se que a série *Outlander* possui significativo potencial para fomentar diálogos teológicos profundos. Tal potencial se revela na medida em que a teologia pode ser compreendida como uma prática voltada à interpretação das experiências humanas e à atribuição de sentido às manifestações de fé.

O que é mídia e como ela funciona

A ideia de “mídia” vai surgir já na antiguidade, quando os seres humanos começam a se comunicar, persuadir e influenciar uns aos outros. Porém, da mesma forma que a cultura pop, coirmã da *sociedade de massa*, a mídia vai ficar em evidência a partir de meados do século XX. Quer dizer, com a Revolução Industrial, tanto na era do vapor quanto no período da combustão, a produção de produtos diversos em grande escala, fomenta a economia mundial e a necessidade de consumo entre as pessoas. É o tempo não só da substituição da mão de obra escrava pela assalariada, mas da mão de obra humana pela máquina. Nas primeiras décadas do século XX, a informação passa a ter uma velocidade maior com o surgimento do

telefone, telégrafo, dínamo e motores à vapor e combustão – utilizados em locomotivas, navios e depois em carros e aviões. Ou seja, a informação passa a ter uma velocidade maior que nos séculos anteriores, quando as naus a velas demoravam meses para cruzar de um continente ao outro. Da mesma forma, a descoberta da eletricidade como fonte de energia foi revolucionária com o advento do rádio e, posteriormente, com a televisão. (Vieira; Castanho, 2008).

Descobertas na medicina - de medicações importantes na cura de algumas doenças, como tuberculose, sífilis e sarampo, por exemplo - prolongaram o tempo de vida das pessoas e proporcionaram um aumento populacional: *a sociedade de massa*. Com o avanço do século XX e o desenvolvimento das tecnologias, conhecidas como *Era da Robótica*, a informação adquire a velocidade da luz; com a globalização através dos satélites e da rede internacional de computadores: a Internet. Com isso, a informação e a cultura tornam-se globalizadas. Surge a *cultura de massa* (Reblin, 2015, p. 23), ou seja, a cultura da era contemporânea.

A partir desses avanços tecnológicos e do vasto estado de arte sobre o que se entende por mídia, Kellner (2001) traz uma definição que ele chama de *cultura da mídia*, apontando que

Essa cultura é constituída por sistemas de rádio e reprodução de som (discos, fitas, CDs e seus instrumentos de disseminação, como aparelhos de rádio, gravadores, etc.); de filmes e seus modos de distribuição (cinemas, videocassetes, apresentação pela TV); pela imprensa, que vai de jornais a revistas; e pelo sistema de televisão, situado no cerne desse tipo de cultura. Trata-se de uma cultura da imagem, que explora a visão e a audição. Os vários meios de comunicação - rádio, cinema, televisão, música e imprensa, como revistas, jornais e histórias em quadrinhos - privilegiam ora os meios visuais, ora os auditivos, ou então misturam os dois sentidos, jogando com uma vasta gama de emoções, sentimentos e ideias. (Kellner, 2001, p. 9).

Sobre essa definição de cultura da mídia, não se pode esquecer da intenção e alcance que se pretende com tudo isso: o capitalismo. Ou seja, uma forma de capitalismo comercial que atrai lucro privado para empresas transnacionais interessadas na acumulação de capital. Essa reflexão é importante, uma vez que da mesma maneira que ocorria uma manipulação do imaginário coletivo e exploração pela religião, pela teocracia do medievo, ocorre atualmente, com as diversas formas que a mídia assume o papel da religião, como a mídia atua na contemporaneidade, tendo o capitalismo em seu subterrâneo. (Bobsin, 1997).

Quando se afirma que a mídia assumiu o papel da religião, quebrando paradigmas e contribuindo para a perda da autoridade ou destradicionaisização de confissões religiosas até então dominantes nesse cenário (como o catolicismo e protestantismo), é justamente para que se pense de maneira crítica a esse respeito, refletindo sobre como ela é e como atua.

Nesse viés, Kellner (2001, p. 9) descreve muito bem a atuação da religião apontando que:

Há uma cultura veiculada pela mídia cujas imagens, sons e espetáculos ajudam a urdir o tecido da vida cotidiana, dominando o tempo de lazer, modelando opiniões políticas e comportamentos sociais, e fornecendo o material com que as pessoas forjam sua identidade. O rádio, a televisão, o cinema e os outros produtos da indústria cultural fornecem os modelos daquilo que significa ser homem ou mulher, bem-sucedido ou fracassado, poderoso ou impotente. A cultura da mídia também fornece o material com que muitas pessoas constroem o seu senso de classe, de etnia e raça, de nacionalidade, de sexualidade, de “nós” e “eles”. Ajuda a modelar a visão prevalecente de mundo e os valores mais profundos: define o que é considerado bom ou mau, positivo ou negativo, moral ou imoral. As narrativas e as imagens veiculadas pela mídia fornecem os símbolos, os mitos e os recursos que ajudam a constituir uma cultura comum para a maioria dos indivíduos em muitas regiões do mundo de hoje.

Logo, quando se pensa nas mais diversas formas como os avanços tecnológicos afetaram a vida das pessoas, pode-se apontar a mídia como a que teve grande influência na cultura e religião das pessoas. A forma como se dá sentido a vida vem sofrendo choques e rupturas cada vez mais drásticas e com uma velocidade assustadora, passando por ressignificações.

Pensando nessa perspectiva,

[...] a midiatização da religião pode ser concebida como parte de um processo gradual de secularização da sociedade pós- -moderna - o processo histórico no curso do qual os meios de comunicação assumiram boa parte das funções sociais antes desempenhadas pelas instituições religiosas. Rituais, cultos, lamentações e celebrações, atividades sociais que costumavam fazer parte da religião institucionalizada, agora são assumidas parcialmente pelos meios de comunicação e transformadas em atividades mais ou menos seculares a serviço de outras finalidades que não aquelas das instituições religiosas. (Hjarvard, 2014, p. 131).

Por exemplo, quando se pensa em certos gêneros midiáticos, como documentários e noticiários, costuma-se “endossar uma visão de mundo secular, ao passo que os gêneros de fantasia e horror são mais inclinados a evocar imaginações metafísicas ou sobrenaturais”. (Hjarvard, 2014, p. 131). Por outro lado, a Religião, traz à tona uma ideia sobre certos dogmas

e ritos voltados a determinadas práticas eclesiásticas tradicionais – o que na atualidade vem sofrendo perda de autoridade e sentido.

Mesmo que ainda haja uma significativa frequência de pessoas em reuniões interconfessionais, o papel da mídia vem sendo desempenhado como de uma religião – quando as pessoas passam a refletir sobre suas vidas e sobre o transcendental. Indo por esse caminho, a ideia de *Religião Vivida* nos remete ao pensamento de ser religioso de uma forma não tão clara ou explícita como se costuma entender religião. É aquela maneira de sermos direcionados a determinada prática diária sem perceber que aquilo que estamos fazendo ou realizando tem todas as características de uma religião, como rito, convicção, paixão arrebatadora, fidelidade, propósito – como um dogma.

Desigualdade de gênero e patriarcado

A personagem Claire é protagonista e fica em maior evidência na série, sendo uma mulher do século XX, médica, que, ao viajar no tempo, passa a enfrentar, o tempo todo, resistências – principalmente de homens do século XVII, carregadas de superstições religiosas. Além disso, enfrenta o sentimento de inferioridade das pessoas com uma visão de mundo que não compreendem a possibilidade de uma mulher ter autonomia, em pleno século XVII.

Por ser médica formada no século XX, quando viaja no tempo é identificada como curandeira e quase perde a vida acusada de bruxaria pela igreja católica – motivo esse que dificulta o telespectador identificar a confissão de fé da personagem Claire, pois ela resiste à

religião e ao patriarcado em diversas situações, motivada pelas dificuldades e vivências traumáticas embasadas nessa perspectiva de mundo.

Os desafios enfrentados por Claire na trama trazem à tona reflexões sobre a construção social do gênero, que é muito fortemente marcada pelas tradições cristãs e interpretadas a partir da Bíblia. Ou seja, as mulheres descritas na Bíblia são compreendidas ao longo dos séculos de forma a apagar sua relevância nos acontecimentos, destacando aspectos que neutralizam sua importância nos fatos. Mais especificamente,

Devemos lembrar também que essa interpretação tradicional transformou Eva e Maria em arquétipos da sexualidade de mulher: uma induz o homem à tentação, cuja característica é o pecado; e a outra é tornada imaculada, assexuada. Uma codifica a “má sexualidade” e a outra, a “boa sexualidade”. Nesse processo interpretativo, a historiografia eclesiástica e a interpretação tradicional buscam colocar histórias e mulheres protagonistas novamente em segundo plano e, com isso, minimizar seu significado para a história de mulheres no seguimento e discipulado a Jesus, em forma plena. Mulheres “reais” praticamente não têm vez na história eclesiástica. (Reimer, 2005, p. 8-9).

É importante destacar que as narrativas com experiências e vozes masculinas com maior evidência na Bíblia também fazem parte de um contexto patriarcal, da seleção e constituição do que seria compilado para a construção do cânon bíblico: textos escritos por HOMENS de Deus inspirados pelo Espírito Santo.

No Brasil, o cristianismo e suas ideias consolidadas no continente europeu, chegam a partir dos colonizadores e dos padres Jesuítas, que desempenharam papel fundamental na catequização dos indígenas. Para inserir os nativos no contexto religioso e moral europeu, que interpreta os textos bíblicos de forma a colocar a mulher como símbolo da tentação e da fraqueza moral, criaram narrativa de conexão direta entre o feminino e a sensualidade ao

pecado. Um exemplo disso é apontado pelo padre José de Anchieta, quando “coloca nos ombros de Eva a culpa pela perda da graça original [...]. Essa ligação do feminino e da sensualidade com o pecado caminha na contramão da concepção sexual indígena” (Saldanha; Wachholz, 2022, p. 222) – que permitia a poligamia e relações conjugais em contextos culturais diferentes da visão europeia.

Da mesma forma, torna-se importante lembrar como as relações de gênero foram moldadas ao longo da História, pelas estruturas sociais, econômicas e religiosas - por isso a submissão da mulher ao patriarcado, entendido como um sistema de organização social em que os homens detêm o poder primário; sistema este que é complexo e multifacetado.

Na Pré-história, as sociedades coletoras e caçadoras, tendiam a ser mais igualitárias, com as funções de gênero se complementando. Entretanto, com o desenvolvimento da agricultura, e a formação das primeiras sociedades, o patriarcado começou a se estruturar. Desde a Antiguidade, com o surgimento das propriedades, o poder econômico, político e social se concentrou nas mãos dos homens; e o patriarcado fazia parte de muitos povos e civilizações antigas. Ainda em Atenas, na Grécia Antiga, as mulheres eram proibidas de participar das decisões na Pólis, e Aristóteles, já justificava a inferioridade feminina por questões biológicas. Já em Esparta, por sua vez, as mulheres tinham mais liberdade e voz na sociedade; tinham um nível de educação e treinamento físico superior às mulheres de outras cidades-estados gregas. Desde cedo, participavam de exercícios físicos rigorosos, como corrida, luta, arremesso de disco e atividades relacionadas à força e resistência. Apesar disso, essa ênfase no preparo físico das mulheres visava garantir que elas fossem mães saudáveis e

capazes de gerar futuros guerreiros para o exército espartano - de homens. Além disso, é importante ser mencionada a questão da educação formal presente nos contextos de formação das mulheres espartanas - diferentemente das mulheres atenienses, que eram confinadas ao ambiente doméstico. Mais especificamente,

Com relação à condição feminina em Esparta para o mesmo período, observamos que suas mulheres pareciam ter uma "liberdade" maior que as atenienses. Inclusive, Aristóteles na *Política*, ao criticar as falhas do regime espartano, tratava, logo após a ameaça dos hilotas, a das mulheres. Segundo ele, as espartanas eram até licenciosas, depravadas e luxuriosas. Acusava-as, principalmente, de mandarem nos maridos, deixando subentendido que o motivo disto estava no fato de muitas viúvas casarem novamente, levando consigo os direitos sobre o lote de terra (*kléros*) cultivado pelos hilotas. (Torrez, 2001, p. 51).

Durante a Idade Média, na Europa, as mulheres passavam de propriedade do pai, à propriedade do marido. Figuras como Santo Agostinho e Tomás de Aquino defendiam a inferioridade natural das mulheres em relação aos homens. A personagem Claire, ao ser transportada para o século XVIII, confronta uma realidade onde a submissão feminina não é um fenômeno isolado, mas uma característica da sociedade em sua totalidade. Como afirma a socióloga Heleith Saffioti (2015, p. 48) em sua obra, o patriarcado não se restringe apenas à família, mas atua como um sistema que atravessa a sociedade como um todo. Essa mentalidade predominante está muito evidente na série *Outlander* é a estrutura contra qual a personagem Claire luta ferozmente. Em dado momento da série, a personagem percebe a necessidade de ensinar as mulheres sobre saúde íntima e contracepção, algo impensado na Idade Média. Para que seus conselhos sejam de fato ouvidos, a personagem os publica com a assinatura de um médico homem, pois sabia, que assim, tais conselhos seriam levados à sério e acatados pelas mulheres naquele período.

Em grande medida, as tradições religiosas do judaísmo, cristianismo e islamismo, contribuíram para a consolidação da submissão feminina, como explicam Jarschel e Nanjarí e “as religiões monoteístas (judaísmo, islamismo e cristianismo) são marcadas em sua história por um poder unilateral androcêntrico (centrado no masculino)”. (Jarschel; Nanjarí, 2008, p. 3). São modelos em que o papel da mulher se restringe aos afazeres domésticos, cuidados com a casa e os filhos. Os textos sagrados destas religiões são interpretados de forma a reafirmar a submissão feminina.

Foi na Modernidade, com a entrada das mulheres no mundo do trabalho, que a situação começou a ter ligeiras mudanças. Vale ressaltar que apesar de as mulheres, ao longo dos séculos, desafiarem as normas patriarcais e buscarem espaços de autonomia e poder, foi somente com o advento da Revolução Industrial, e seus interesses na força de trabalho feminina que as mulheres passaram a ter mais espaço. Isso, por sua vez, indica uma necessidade de intensa vigilância e constante luta das mulheres para que seus direitos não sejam suprimidos. (Rodrigues, 2015, p. 7).

Dentro desse contexto Histórico, muitos são os fatores que contribuem para que as mulheres se culpem pelos acontecimentos à sua volta. A mulher tem um papel definido pela sociedade patriarcal em que vivemos e a ela é incumbida a tarefa de cuidar. Quer dizer,

O fato de que é o corpo da mulher que gera e carrega a nova vida dentro de si foi usado para argumentar que a mulher é essencialmente mais afetiva, sentimental e ligada ao mundo natural; ao contrário dos homens, que seriam ligados ao mundo artificial, racional e público. Por consequência disso, caberia às mulheres as tarefas corriqueiras e concretas da casa. A passividade seria uma de suas características e, consequentemente, seria natural na mulher a submissão, a autoentrega e o autossacrifício. (Blasi, 2017, p. 25).

Na primeira temporada da série, Claire se depara com uma situação de extrema dificuldade e risco de vida, em que o personagem Jaime, protege sua vida entregando seu próprio corpo ao malfeitor da trama. Por conta disso, Jaime fica entre a vida e a morte, e os personagens abrigam-se em um mosteiro até que Jaime recupere a saúde. Claire desamparada e diante da vulnerabilidade da situação, busca refúgio na capela para alguns momentos de reflexão. Quando questionada pelo monge a personagem desaba em choro e declara que tudo o que aconteceu “foi sua culpa”. Incorporando um sentimento incutido às mulheres, de culpa pelos acontecimentos ao seu redor. A culpa na Teologia pode ser compreendida da seguinte forma,

A teologia clássica entende a culpa como consequência do pecado original e da queda de Adão e Eva no episódio do Jardim do Éden. De acordo com a doutrina do pecado original de Agostinho, a mulher é a responsável pela introdução do pecado e do sofrimento no mundo, através da tentação e da sexualidade. (Blasi, 2017, p. 29).

A fé cristã pode contribuir para ressignificar esse sentimento de culpa. Quer dizer, é necessário e importante a construção de narrativas a partir de uma ótica feminina, no que se refere à interpretação dos textos.

Os escritos bíblicos podem servir como denunciantes da violência, apresentando-os e escancarando suas atrocidades para que possa a partir disso pensar uma sociedade mais justa

para todos. O registro explícito de episódios de violência nas Escrituras deve ser compreendido como uma estratégia discursiva de denúncia, evidenciando condutas que não devem ser reproduzidas. Ou seja:

[...] a causa da abordagem mais frequente da violência e do extermínio de pessoas consiste no fato de que a Bíblia não encobre a triste realidade da violência e da guerra e nem as transforma em tabu. Esta atitude dos redatores bíblicos é inegavelmente louvável. Porque só se acaba com a violência e o massacre de pessoas falando abertamente e sem rodeios deste assunto lamentável. (Kramer, 2019, p. 120).

A principal legislação brasileira para a enfrentar a violência contra a mulher a Lei Maria da Penha (Lei nº 11.340/2006) (Brasil, 2006), classifica os tipos de abuso contra a mulher nas seguintes categorias: violência patrimonial, violência sexual, violência física, violência moral e violência psicológica. A fé pode e deve ressignificar essa culpa, enfrentando a violência em seus debates e abordagens no cotidiano de suas intervenções com a comunidade.

Abordando as escrituras cristãs como veículo dessa mensagem contra a violência, ressignificando os símbolos que estão corroborando com a violência, essa ressignificação passa pelo processo de evidenciar o papel da mulher no contexto bíblico. Quer dizer,

[...] já temos muitas experiências coletivas de e com mulheres que estão num processo de questionamento destes modelos opressores e grupalmente estão buscando outros paradigmas de espiritualidade a partir da tradição originária do cristianismo e de outras culturas próximas. Na Sagrada Escritura temos muitas personagens e relatos de experiências de mulheres que vão além deste modelo dicotomizado do feminino de Eva e Maria, onde as mulheres são mediadoras do sagrado, são profetizas, são juízas, são protagonistas da história cotidiana e política. (Jarschel; Nanjarí, 2008, p. 5).

Esta perspectiva deve vir a contribuir e contemplar a importância da mulher na sociedade. Ou seja, negar a inferioridade conferida a mulher, acolhendo e ouvindo suas

angústias, sem julgamentos e preconceitos, é um desafio no mundo contemporâneo, com ainda muitas injustiças e desigualdades de gênero.

Na série esse contraponto também é evidenciado quando aborda o período histórico do final da década de 1950 e início da década de 1960, quando a personagem retorna ao seu tempo. Ela decide estudar medicina, tornando-se a única mulher da turma de Medicina naquele ano na Faculdade em Boston. É uma mulher que lê jornais e tem opiniões fortes e em vários momentos fica claro o quanto esse posicionamento era condenado pelos homens, sugerindo que ela se dedicasse apenas aos cuidados com a casa e filha. Ainda nos dias de hoje, os discursos de mudança podem parecer convincentes, mas não são a realidade, e quem sente isso na pele são as mulheres. Ou seja,

Essa situação de disparidade de papéis seria vivenciada pelas mulheres, aparentemente, de forma dolorosa, uma vez que há uma promessa no ar de igualdade de funções, alimentada por atitudes dos próprios homens, o que ocasiona uma expressiva fonte adicional de conflitos dentro de uma área já suficientemente carregada de problemas. Diante desse quadro, muitas mulheres sentir-se-iam traídas e sobrecarregadas, visto que a divisão igualitária dos papéis, não se dando na prática, contribuiria para que a mulher se sentisse cada vez mais solitária em suas funções diárias. (Guerra, 2015.p. 267).

Durante as últimas décadas, os papéis de gênero vêm sendo questionados. Entretanto, apesar de um lento aumento da participação masculina nas tarefas do cuidar, as mulheres continuam sendo as mais afetadas pelas tarefas domésticas. Mesmo que estudos apontem para uma maior participação dos homens nas tarefas domésticas e no cuidado com os filhos,

[...] no que diz respeito às atitudes, há um crescente interesse dos homens em participar, cada vez mais, dos cuidados com os filhos. Porém, ao passarmos para o campo dos comportamentos, ou seja, da ação propriamente dita, isso não se daria, como se houvesse uma promessa de mudança que não é cumprida, circunstância que tende a gerar frustração nas mulheres. (Guerra, 2015.p. 266).

Além disso, as tarefas consideradas "agradáveis" ou esporádicas, como brincar com os filhos ou cozinhar ocasionalmente são as preferidas dos homens, e dessa forma eles consideram que estão participando e fazendo a sua parte nas tarefas. Entretanto, as mulheres continuam com a carga mental de organizar, planejar e executar as tarefas repetitivas, como lavar roupas e louça, participar das atividades escolares, cuidar das medicações e necessidades dos filhos.

A série aborda estes temas e é uma importante ferramenta de reflexão que pode servir para repensar paradigmas e rever posturas. É necessário estar atentos, e se utilizar de novas abordagens nas leituras dos textos sagrados para romper com as velhas estruturas. Que seja possível perceber quando estamos falando de 200 anos no passado, pela forma como as mulheres são tratadas, e que sejam minimizados até apagados na contemporaneidade os resquícios daquela perspectiva de mundo.

Considerações finais

A análise da série *Outlander* permitiu compreender como a cultura pop se tornou um espaço fértil para a ressignificação das experiências religiosas, principalmente quando envolvem elementos como fé, gênero e tempo. A série evidencia que o sagrado pode emergir fora das instituições religiosas tradicionais, manifestando-se em narrativas que tocam o

sensível humano, como o amor, o sofrimento, a busca por sentido e a esperança diante do desconhecido.

As perguntas iniciais — sobre o fascínio das pessoas pelo sagrado na contemporaneidade, a aparente separação da religião institucionalizada e o modo como o religioso se apresenta na mídia — encontram respostas na complexa relação entre fé e experiência humana retratada na série. *Outlander* revela que, mesmo em uma sociedade secularizada, o sagrado persiste e se reinventa, assumindo formas simbólicas que tocam profundamente o imaginário coletivo.

Além disso, ao acompanhar a jornada de Claire, uma mulher do século XX projetada para o século XVIII, é possível perceber como o patriarcado, legitimado historicamente por discursos religiosos, continua a influenciar as relações de gênero. A resistência da protagonista frente às estruturas de poder patriarcais permite refletir criticamente sobre o lugar da mulher na religião, na sociedade e na construção do conhecimento.

A fé cristã, quando compreendida sob a ótica da teologia prática e feminista, pode contribuir para a superação da culpa, da exclusão e da violência, ressignificando os símbolos religiosos e promovendo justiça de gênero. Como aponta Bonnie J. Miller-McLemore, a teologia precisa estar atenta às experiências reais das pessoas, acolhendo suas dores, escutando suas histórias e participando de suas lutas.

Portanto, *Outlander* não é apenas uma série de ficção: é também um convite ao diálogo entre fé e cultura, ciência e espiritualidade, tradição e transformação. Por meio dela,

compreende-se que o sagrado continua a nos interpelar, inclusive — e talvez especialmente — nas narrativas da cultura popular. Nesse contexto, pensar a religião fora dos moldes institucionais pode abrir caminhos para uma espiritualidade mais inclusiva, sensível e comprometida com a equidade e a dignidade de todos os seres humanos.

Referências

ALVES, Rubem. **O enigma das religiões**. Petrópolis: Vozes. 1975.

BARTHES, Roland. **Mitologias**. 7. ed. São Paulo: Difel, 2011.

BLASI, Marcia. **Por uma vida sem vergonha: vulnerabilidade e graça no cotidiano das mulheres a partir da Teologia Feminista**. São Leopoldo: Faculdades EST, Programa de Pós Graduação em Teologia (Tese Doutorado), 2017. Disponível em: http://dspace.est.edu.br:8080/jspui/bitstream/BR-SIFE/811/1/blasi_m_td167.pdf. Acesso em: 01 set. 2024.

BOBSIN, Oneide. **O subterrâneo religioso da vida eclesial: Intuições a partir das ciências da religião**. Estudos Teológicos, v. 37, n. 3, p. 261-280, 1997. Disponível em: http://www.est.com.br/periodicos/index.php/estudos_teologicos/article/view/801/732. Acesso em: 28 jul. 2025.

BRASIL. **Lei nº 11.340, de 7 de agosto de 2006**. Dispõe sobre a criação dos Juizados de Violência Doméstica e Familiar contra a Mulher; e estabelece medidas de assistência e

proteção às mulheres em situação de violência doméstica e familiar. Brasília, DF: Diário Oficial da União, 8 ago. 2006.

GANZEOORT, Encruzilhadas do caminho no rastro do sagrado: a teologia Prática como hermenêutica da religião vivenciada. **Estudos Teológicos**. São Leopoldo v. 49 n. 2 p. 317-343 jul./dez. 2009. Disponível em: http://periodicos.est.edu.br/index.php/estudos_teologicos/article/view/91/85. Acesso em: 31 mai. 2025.

GANZEOORT, R. Ruard. Molduras para os deuses: o significado público da religião de um ponto de vista cultural. **Estudos Teológicos**. São Leopoldo v. 56 n. 2 p. 358-375 jul./dez. 2016. Disponível em: <https://pure.eur.nl/en/publications/molduras-para-os-deuses-o-significado-p%C3%BAblico-da-religi%C3%A3o-de-um-p>. Acesso em: 30 mai. 2025.

GUERRA, Camila de Sena. **Do sonho a realidade**: vivência de mães de filhos com deficiência. Texto Contexto Enfermagem, Florianópolis, 2015. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/tce/a/DMQ4DjQyYFbJ45VCdDKfhDg/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 07 set. 2024.

HJARVARD, Stig. **A midiatização da cultura e da sociedade**. São Leopoldo: Unisinos, 2014.

JARSCHEL, Haidi; NANJARÍ, Cecília Castillo. Religião e violência simbólica contra as mulheres. Fazendo gênero 8 - Corpo, Violência e Poder, 2008, Florianópolis. **Anais** [...]. Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina, 2008. Disponível em:

http://www.fazendogenero.ufsc.br/8/sts/ST62/Jarschel-Nanjari_62.pdf. Acesso em: 1 jun. 2025.

KELLNER, Douglas. **A Cultura da mídia - estudos culturais:** identidade e política entre o moderno e o pós-moderno. Bauru, SP: EDUSC, 2001.

KRAMER, Pedro. É o Deus da Bíblia, Vingativo, Violento e Exterminador? Violência e Extermínio no Livro de Deuteronômio. **Estudos Bíblicos**, vol. 36, n. 141, p. 117-138, jan/jun 2019ISSN 1676-4951. 2019. Disponível em: <https://revista.abib.org.br/EB/article/view/37/38>. Acesso em: 31 mai. 2025.

MILLER-MCLEMORE, Bonnie J. Teologia Prática: Reforma e transformação na epistemologia teológica. In: REBLIN, Iuri Andréas; VON SINNER, Rudolf (orgs.). **Reforma:** tradição e transformação. São Leopoldo: Sinodal; EST, 2016.

REIMER, Ivone Richter. **Grava-me como selo em teu coração.** Paulinas: São Paulo, 2005.

RODRIGUES, Paulo Jorge. **O trabalho feminino durante a revolução industrial.** Programa de Pós-Graduação em Educação Sexual - UNESP - Araraquara, 2015. Disponível em: https://www.marilia.unesp.br/Home/Eventos/2015/xiisemanadamulher11189/o-trabalho-feminino_paulo-jorge-rodrigues.pdf. Acesso em: 22 set. 2024.

SAFFIOTI, Heleith. **Gênero, Patriarcado, Violência.** 2. ed. São Paulo: Expressão Popular; Perseu Abramo, 2015.

SALDANHA, Marcelo Ramos. WACHHOLZ, Wilhelm. Um auto jesuítico em Terra Brasilis. **Estudos de Religião**, v. 36, n. 2, p. 223-245, maio-ago. 2022. Disponível em: <https://revistas.metodista.br/index.php/estudosreligiao/article/view/294/286>. Acesso em: 12 Set. 2024.

SEMERARO, Giovanni. Da sociedade de massa à sociedade civil: A concepção da subjetividade em Gramsci. **Educação & Sociedade**, ano XX, nº 66, Abril/99. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/es/v20n66/v20n66a3.pdf>. Acesso em: 25 jul. 2025.

TÔRREZ, Moisés Romanazzi. **Considerações sobre a condição da mulher na Grécia Clássica (sécs. V e IV a.C.)**. Mirabilia 01. Dec 2001, p. 51. Disponível em: https://scholar.google.com.br/scholar?hl=pt-BR&as_sdt=0%2C5&q=mulheres+em+Esparta&btnG=. Acesso em: 22 set. 2024.

VIEIRA, Tatiana Cuberos; CASTANHO, Maria Eugênia. Sociedade atual e revolução da informação: ganhos e perdas. **Contrapontos**, v. 8, n. 02, p. 171-185, 2008.